

**“BIG FIVE E PHUBBING”: Investigando a relação dos traços de personalidade com o ato de ignorar pelo smartphone**

**MARINA VALIM BANDEIRA**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

**KATHIANE BENEDETTI CORSO**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

## **“BIG FIVE E PHUBBING”: Investigando a relação dos traços de personalidade com o ato de ignorar pelo smartphone**

### 1 INTRODUÇÃO

As tecnologias foram aceitas pela sociedade como ferramentas que mudariam o mundo, fosse em termos logísticos ou de melhoria na comunicação interpessoal, libertando as pessoas de suas mesas e fazendo com que assumissem vários papéis ao mesmo tempo (SWINGLE, 2016). Com os dispositivos móveis, o fato de ser possível acessar a internet de qualquer lugar somado à quantidade de aplicativos disponíveis para os smartphones, ajudaram a popularizar e elevar a frequência de seu uso (CAPPELLOZZA; DE MORAES; MUNIZ, 2017). Essas características aliadas ao preço do dispositivo ser relativamente barato, estão tornando o uso dos smartphones um hábito que atinge desde as crianças até os idosos (ANSHARI *et al.*, 2016).

As pesquisas realizadas na área de sistemas de informação têm mostrado que as novas tecnologias, tais como os *smartphones*, demandam cada vez mais tempo de uso das pessoas (TUREL; SERENKO; GILES, 2011), estando o aparelho presente em ocasiões que vão desde o ato de jantar com amigos até o momento de brincar com os filhos (TIME, 2016). Assim, o que vem sendo observado é a existência de dependência desses aparelhos para a realização de qualquer atividade rotineira (ZHITOMIRSKY-GEFFET; BLAU, 2016). Com isso, nota-se a importância que o estudo desse tipo de comportamento bem como dos efeitos por ele causados, adquiriu nos últimos anos (BORGES; PIGNATARO, 2016). Apesar de ainda não existir uma definição uniforme do que vem a ser o vício em smartphone, pode-se dizer que é um novo fenômeno causador de prejuízos tanto sociais quanto mentais em pessoas que abusam do uso de celulares (XU, 2017).

Um dos efeitos negativos que vem despertando o interesse de pesquisadores internacionais da área da tecnologia da informação e também da psicologia é o *phubbing*. A terminologia se origina das palavras *phone* + *snubbing* e significa o ato de ignorar a presença de alguém para prestar atenção no seu aparelho (HAIGH, 2015). Dadas as características desse fenômeno, Peredo (2017) as compara com as do autismo. Segundo o autor, pessoas autistas tendem a isolar-se em um modo próprio, desconsiderando quem está a sua volta, isso se assemelha ao que acontece com quem prefere o dispositivo móvel às pessoas que o rodeiam (PEREDO, 2017). O uso problemático desses dispositivos tem relação com certos traços de personalidade. A extroversão, por exemplo, foi relacionada com o elevado número de ligações, mensagens de texto e mudanças no toque dos celulares (BUTTS; PHILLIPS, 2008) e com o uso problemático do smartphone (BIANCHI; PHILLIPS, 2005); o mesmo traço também foi positivamente relacionado com o ato de enviar mensagens e fotos com conteúdo sexual (*sexting*), enquanto que os traços da amabilidade e estabilidade emocional não apresentaram efeitos (DELEVI; WEISSKIRCH, 2013).

Desse modo, dada a crescente quantidade de tempo que as pessoas passam em contato com a tecnologia, em especial o celular, justifica a intenção de compreender melhor o fenômeno. Além disso, as frequentes situações sociais presenciadas, nas quais indivíduos deixam de conversar uns com os outros para “ficarem no celular”, contribuíram no interesse da pesquisa. Quanto aos estudos sobre o *phubbing* no Brasil, pode-se dizer que ainda são escassos, tendo sido encontrados os trabalhos de Angeluci (2015), Angeluci e Huang (2015) e Knoll, Corso e Cassanego Jr (2017). Além disso, estudos nacionais que relacionam o *phubbing* com as personalidades não foram encontrados, após busca pelos termos nas plataformas SPELL, Anpad e Google Acadêmico.

Internacionalmente, destaca-se o trabalho de D’Água e Patrão (2017) que investigaram a relação dos traços de personalidade com a dependência de smartphone e a satisfação nos relacionamentos amorosos. Ademais, os artigos relacionam as personalidades com o uso

problemático e o vício em smartphone (BIANCHI; PHILLIPS, 2005; ROBERTS; PULLIG; MANOLLIS, 2015) com o uso excessivo e o vício em tecnologia (BUCKNER; CASTILLE; SHEETS, 2015), com o comportamento das pessoas quando estão no ambiente online (ABOUJAOUDE, 2017), com o vício em Instagram (KIRCABURUN; GRIFFITHS, 2018), entre outros.

Portanto, tendo em vista os aspectos salientados anteriormente, este estudo sucede-se a partir do seguinte objetivo geral: Analisar a relação entre os cinco traços de personalidade e o comportamento do *phubbing* nos universitários brasileiros usuários de smartphone. Para atingir o objetivo proposto, traçou-se os objetivos específicos a) Identificar o nível de comportamento de *phubbing* nos universitários brasileiros usuários de smartphone; b) Verificar a influência de sexo, idade e estado civil no comportamento de *phubbing* dos universitários brasileiros usuários de smartphone; c) Identificar a influência dos traços de personalidade no comportamento do *phubbing* dos universitários brasileiros usuários de smartphone;

## 2 REFERENCIAL TEORICO

### 2.1 Uso Problemático de Smartphone

Na era da internet e das tecnologias de informação e comunicação, percebe-se que as pessoas estão começando a se tornar dependentes das tecnologias em diversos aspectos da sua rotina diária, um dos responsáveis por isso é o smartphone. Dadas suas características de mobilidade e ubiquidade, esses aparelhos possibilitaram levar a conexão com a internet para qualquer lugar, tomando um papel central na vida dos seus usuários, permitindo o contato imediato de uma pessoa com a outra, o que para os donos desses aparelhos é um aspecto positivo (ZHITOMIRSKY- GEFET; BLAU, 2016; FULLWOULD et al., 2017).

Por se equipararem a pequenos computadores com uma interface amigável e sistemas operacionais avançados, os smartphones oferecem aos seus usuários múltiplas funções e facilidades, tais como o download de aplicativos, compartilhamento de mensagens e imagens e reprodução de músicas e vídeos (WANG et al., 2015). Dessa forma, a função de comunicação por voz fica em segundo plano dado que o acesso à internet expande a capacidade de uso do aparelho (CARDOSO; AMOROSINO; NARDI, 2014). Todas essas funções explicam o porquê de sua popularidade.

Em alguns países o mau uso do smartphone é definido como uma condição na qual a sua presença aumenta enquanto que a habilidade de controlar seu uso diminui. Nesse caso, presença significa que o uso dos smartphones está mais constante na vida das pessoas do que outros dispositivos e que mesmo apresentando experiências físicas, psicológicas e sociais negativas, não consegue controlar seu uso (CHUN, 2018). Exemplos desses efeitos negativos são observados na qualidade de vida das pessoas, como a depressão e distúrbios de sono (THOMÉE; HÄRENSTAM; HAGBERG, 2011), no sentimento de cansaço logo pela manhã (LANAJ; JOHNSON; BARNES, 2014), na produtividade no trabalho e nas atividades em casa (DUKE; MONTAG, 2017) e na instabilidade emocional que por sua vez impacta em uma baixa performance acadêmica (AMBAD; KALIMIN; YUSOF, 2017). Outros estudos também identificaram que as notificações por som de atualizações ou mensagens recebidas levam a um constante hábito de verificação, podendo desencadear uma série de sintomas psicopatológicos como os de dependência (OULASVIRTA et al., 2012).

Muitos dos comportamentos citados acima, tornam-se tão comuns para as pessoas quanto o hábito de escovar os dentes, por exemplo (ANSHARI et al., 2016). Desse modo é difícil que elas percebam e considerem seu hábito de uso do smartphone como um problema (MARINO, 2018). Logo, o usuário não percebe tão rapidamente que sofre de um distúrbio, daí a importância de conscientizar sobre os impactos negativos do uso visando a sua redução

(AREFIN et al., 2017). Bianchi e Phillips (2005) sugerem que fatores pré-existentz favoreçam esse tipo de comportamento no usuário, dentre os quais destacam-se a questão do gênero, idade e autoestima. Billieux (2012), com base em outros estudos, propõe que os traços de personalidade relacionados à instabilidade emocional e a extroversão são altamente relacionados ao uso problemático, enquanto que a amabilidade e a consciencialidade são menos consistentes. Os homens, por exemplo, têm mais tendência ao uso problemático dos smartphones, computadores e jogos online do que as mulheres, já os adolescentes são mais propensos a desenvolver sintomas de uso problemático do aparelho (BIANCHI; PHILLIPS, 2005; ANSHARI et al., 2016).

Assim, o fato dos aparelhos conectarem todo mundo a qualquer hora, dificulta as interações face-a-face e desvia a atenção do contato interpessoal, gerando um novo contexto social onde as conexões online aumentam, mas um isolamento entre as pessoas também é percebido (ROTONDI; STANCA; TOMASUOLO, 2017). Ou seja, quando se está junto, se está sozinho, e quando se está sozinho, se está junto (DANTAS; VIDAL, 2016). Esse é um dos aspectos do chamado *phubbing*.

## 2.2 *Phubbing*: juntos, mas separados

Apesar da existência de diversas atividades nos smartphones que envolvam a interação com outras pessoas, de maneira geral espera-se que esse aparelho tenha um impacto negativo no relacionamento face a face dos indivíduos (ROTONDI; STANCA; TOMASUOLO, 2017). Exemplos dessa situação estão se tornando mais frequentes, famílias reunidas para uma refeição não interagem; cada qual está ocupado em seu smartphone. Não há conversa, pelo menos não pessoalmente. O que se vê são dedos movimentando-se rapidamente, clicando em seus smartphones e tablets (NAZRI; LATIFF, 2013).

Nesse contexto, observa-se a ocorrência do chamado *phubbing*. O termo é a junção das palavras phone (telefone) + snubbing (ignorar) e consiste no ato de ignorar alguém em uma situação social para prestar atenção no seu celular escapando da comunicação interpessoal presencial (KARADAG et al., 2015). Pode-se entender o comportamento então como uma atitude de desrespeito em relação às pessoas com as quais se está interagindo pessoalmente, preterindo-as em favor dos contatos virtuais (KARADAG et al., 2015). Outra interpretação para o comportamento é dada por Guazzini et al (2019), que o vê como uma forma de addiction na qual a compulsão por verificar o smartphone se sobressai às outras situações.

Neste sentido, Wang et al. (2017), Knoll et al. (2017), D'Água e Patrão (2017) e Roberts e David (2015) trazem a problemática do *phubbing* para o âmbito dos relacionamentos amorosos. Conforme esses estudos, o *phubbing* não só traz impactos para a relação do casal como também aumenta os níveis de depressão, ansiedade e prejudica a confiança do par. Ainda, o uso do smartphone em momentos de intimidade, gera conflitos entre o casal.

Em se tratando das relações interpessoais, diversos estudos apontam que o comportamento do *phubbing* impacta a vida social, prejudicando o tempo dedicado a aproveitar com os amigos, tira a atenção das pessoas e reduz o senso de pertencimento (DAVEY et al., 2018; CHOTPITAYSUNONDH; DOUGLAS, 2018, ROTONDI; STANCA; TOMASUOLO, 2017; PEREDO, 2017, KARADAG et al., 2016; SOTO, 2015, ANGELUCI; HUANG, 2015). Também, o *phubbing* é responsável por despertar nos indivíduos que lidam com o comportamento, um sentimento de exclusão social, o que leva os mesmos a ter uma necessidade maior de atenção (ROBERTS; DAVID, 2017). Isso acaba por incentivá-los ainda mais a utilizar as mídias sociais, na esperança de recuperar o senso de inclusão, conforme os autores.

Percebe-se portanto que o uso frequente do smartphone em situações sociais impacta negativamente nas relações interpessoais. Todavia, os indivíduos são conscientes das consequências negativas do comportamento e tentam evitá-lo, apesar de continuarem a praticar

(AAGAARD, 2019). Isso reforça a discussão de Chotpitayasunondh e Douglas (2016), de que o phubbing é um fenômeno cíclico: phubbees (quem é ignorado) serão phubbers (quem pratica) e vice-versa. Contudo, as dimensões discutidas acima não abordam a questão das personalidades dos indivíduos e de que forma estas impactam no comportamento do phubbing. Segundo Guazzini et al. (2019), uma maneira de compreender melhor o comportamento seria investigar quais características individuais estão ligadas ao uso problemático do smartphone e, assim, traçar um perfil desse usuário. Ainda, segundo os autores, construtos como ansiedade, autoeficácia e personalidade não foram abrangidos em sua totalidade, tendo diversos estudos mostrado que essas particularidades podem desencadear comportamentos similares.

### 2.3 A personalidade e a tecnologia

A relação entre uso problemático do smartphone, dependência de internet e os traços de personalidade tem sido estudada há algum tempo pelos pesquisadores (ZHOU et al., 2017). Isso porque a personalidade diz muito sobre um indivíduo, explica pensamentos, sentimentos e comportamentos que se associam para formar as características peculiares de cada um (JOHN; PERVIN, 1999). Logo, entender os traços de personalidade torna-se crucial para a compreensão das diferenças no comportamento de uso das tecnologias nas pessoas (GENNER, 2017).

Na área da psicologia, as teorias da personalidade abrangem estudos que vão desde Freud, Jung, Adler, Fromm, Horney, Sullivan, dentre outros (HALL; LINDZEY; CAMPBELL, 2006). Contudo, apesar das inúmeras discussões sobre o conceito, ainda não foi possível chegar em um consenso sobre o que é de fato a personalidade. Sabe-se, porém, que existem diferentes abordagens para explicá-la, destacando-se a dos traços de personalidade (ALLPORT; ALLPORT, 1921). A abordagem dos Traços (*Big Five*) é a mais utilizada, principalmente no campo das pesquisas tecnológicas. Os traços, referem-se às respostas individuais frente a variadas situações e ajudam a explicar as atitudes das pessoas. Indicam que o comportamento está condicionado a uma característica individual e não da situação em que se encontra, sugerindo que um processo interno seja responsável pelo comportamento (SILVA; NAKANO, 2011).

O modelo *Big Five* compreende cinco dimensões em fatores amplos, os quais representam a personalidade em seu nível mais amplo de abstração. Cada fator tem sua contrapartida (Extroversão x Introversão), resume facetas tais quais a sociabilidade, que, por sua vez, contém um grande número de características ainda mais específicas. A estrutura do modelo sugere, de maneira geral, a divisão da personalidade humana em cinco domínios amplos e empiricamente derivados (GOSLING; RENTFROW; SWANN JR, 2003): neuroticismo (*neuroticism*), extroversão (*extroversion*), amabilidade (*agreeableness*), conscienciosidade (*conscientiousness*) e abertura às novas experiências (*openness to experience*). Cada fator é entendido como um polo no qual o indivíduo é caracterizado como possuindo maior ou menor incidência em cada dimensão (LOPES, 2018). Ainda, autores como James (1983) apontam que as pessoas, dependendo do número de situações ou relações que estão inseridos, podem manifestar personalidades diferentes.

O primeiro traço do modelo Big Five é o neuroticismo. Esse se caracteriza pela estabilidade emocional e a probabilidade de o indivíduo suportar elevada pressão mental (NAZRIF; LATIFF, 2013). Estudos mostram que as mulheres que apresentam esse traço se engajam mais em atividades online, como por exemplo, blogar (GUADAGNO et al., 2008). Esse traço foi positivamente relacionado com o vício em internet, em exercícios físicos, compra compulsiva e em estudar (ANDREASSEN et al., 2013). GRIFFITHS et al. (2018) também pontuam que mulheres com maiores níveis de neuroticismo apresentam uma tendência maior para desenvolver comportamentos de phubbing.

O traço seguinte é a extroversão. Essa revela a tendência do indivíduo de ser amigável e capaz de receber emoções positivas (NAZRI; LATIFF, 2013). Quem possui essas características tende a carregar o celular consigo todo o tempo e se incomoda menos quando as outras pessoas usam seus celulares em locais públicos (LOVE; KEWLEY, 2003). Os adolescentes com esse traço, passam mais tempo online e utilizam a internet para estreitar seus laços de amizade (OLWODUNOYE; OLUSA; ADELINA, 2017). Índices altos nesse traço normalmente revelam indivíduos que preferem manter relações cara-a-cara em vez de virtuais (LOPES, 2018).

Como terceiro fator, tem-se a amabilidade. Pessoas amáveis são aquelas que se mostram mais fáceis de manter relações interpessoais (BENET-MARTÍNEZ, WALLER, 1997). Logo, autores como Duke e Montag (2017) a entendem como um fator averso à dependências online em geral. Essas pessoas não encontrarão problemas para estabelecer laços sociais, assim como não usarão seus computadores e a própria internet como substitutos das relações sociais (COOPER, 2003).

Já o quarto traço é a conscienciosidade, cujo perfil do indivíduo tende a ser cuidadoso, minucioso, responsável, diligente, organizado, ambicioso e determinado (COOPER, 2003), ou seja, características de pessoas que são diretas e persistentes em seus objetivos (NAZRI; LATIFF, 2013). Esse traço de personalidade é mais cauteloso quando utiliza as redes sociais, prefere experiências reais (fora do mundo virtual) e é um dos que mais exclui seu perfil do Facebook (TAS; AYAS, 2015). Por outro lado, um estudo com trabalhadores mostrou que pessoas com índices mais baixos desse traço são mais suscetíveis ao vício em tecnologia, principalmente durante o horário de trabalho (BUCKNER et al., 2012).

O quinto e último traço é a abertura a novas experiências. Pessoas com essas características são imaginativas, orientadas intelectualmente, apreciam as artes e a cultura de modo geral (ANDREASSEN et al., 2013; COOPER, 2003). Além disso, pessoas com maior ocorrência desse traço apresentam um comportamento de curiosidade e exploração do mundo da internet podendo resultar em níveis de dependência (KUSS, et al., 2013; WANG et al., 2015).

Destaca-se que os traços são “somados” (CAVALCANTE, 2016), ou seja, uma pessoa nunca poderá ser somente extrovertida, ela irá apresentar características de todos os traços, mas pontuará mais no quesito extroversão, por exemplo. Como se percebe, há muito o que discutir em relação aos traços de personalidade. Espera-se, com a presente pesquisa, conseguir estabelecer relações entre os cinco grandes traços e o fenômeno do phubbing. Desse modo, a próxima seção trará a metodologia utilizada para responder ao problema e aos objetivos propostos.

### 3 MÉTODO DE ESTUDO

A presente pesquisa possui natureza empírica e foi de abordagem quantitativa. Considerando que a discussão sobre a temática do *phubbing* é recente no país, dada a escassez de pesquisas relacionadas ao fenômeno, o estudo caracteriza-se como exploratório-descritivo (RICHARDSON *et al.*, 2012). Por se tratar de uma pesquisa de abordagem quantitativa, o método utilizado é o levantamento, também chamado de *survey* (FLICK, 2013). O método possibilita conhecer a realidade de maneira direta, econômica e rápida, além de proporcionar o agrupamento dos dados em planilhas fornecendo uma riqueza na análise estatística (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

A técnica de coleta escolhida para a pesquisa é o questionário (HAIR *et al.*, 2005). O instrumento de pesquisa foi elaborado com base em duas escalas testadas e validadas em estudos anteriores: o *Phubbing Scale* desenvolvido por Karadag *et al.* (2015), composto por 10 afirmativas com escala do tipo Likert de 5 pontos; e, o *Big Five Inventory (IGFP-5)* de John; Donahue e Kentle (1991) traduzido para a língua portuguesa por Andrade (2008), composto por

34 afirmativas também em uma escala tipo Likert de 5 pontos. O instrumento contava ainda com uma pergunta filtro para saber se o respondente era estudante universitário. Caso a resposta fosse negativa, o mesmo era direcionado para o final do questionário.

O questionário do *phubbing* que compõe o primeiro bloco do instrumento estava em língua inglesa, sendo necessária, portanto, sua tradução seguindo as recomendações de Beaton *et al.* (2000). Após o pré-teste, verificou-se que duas das questões do questionário foram apontadas como semelhantes na sua interpretação semântica. Isso se deu em função da tradução dos termos “I’m busy” e “I’m always busy” que, em português, não se conseguiu escrever de forma clara. Desse modo, dada a semelhança, optou-se por retirar uma das questões, sem prejudicar o restante do instrumento.

Já o IGFP-5, segundo bloco do instrumento, foi elaborado originalmente em inglês por John; Donahue e Kentle (1991), possui 44 itens em uma escala tipo Likert de 5 pontos, sendo “1” equivalente a discordo totalmente e “5” a concordo totalmente. Andrade (2008) fez a tradução do IGFP-5 em português, em sua versão, a escala foi reduzida de 44 para 34 questões. Nessa pesquisa apenas as afirmativas foram reescritas de maneira a trazê-las para a primeira pessoa, dadas as sugestões dos pré- testes. Por fim, o terceiro bloco do questionário foi composto por questões de perfil, abordando idade, sexo, estado civil, universidade, quanto tempo possui smartphone, quais os aplicativos que mais utiliza e para quais atividades usa seu aparelho. O instrumento foi construído com o auxílio da ferramenta *Google Forms*.

A população alvo do estudo compreendeu os estudantes das universidades públicas brasileiras, sendo um total de 1.990.078, de acordo com dados da Sinopse da Educação Superior (2016) divulgada pelo Ministério da Educação. Logo, a escolha da população ocorreu em virtude da facilidade de acesso, bem como em razão desses indivíduos estarem em constante contato com as tecnologias. Além disso, verificou-se a existência apenas um estudo nacional cuja finalidade era investigar o comportamento do *phubbing*, porém, tal pesquisa teve como objeto discentes da região sudeste do país (ANGELUCI; HUANG, 2015), sinalizando uma lacuna a ser preenchida.

Desse modo, considerando que a população alvo é ampla, porém finita, precisou-se fazer o cálculo da amostra, optando-se pela amostragem aleatória simples (AGRESTI; FINLAY, 2012). Para o cálculo, utilizou-se o método de Martins (2011). Para realizar o cálculo, tomou-se por referência o valor de 1.990.078 para a população finita de universitários brasileiros, um erro de 2%, com 95% de confiança e uma proporção de 0,2472 de estudantes de universidades públicas em relação ao número total de estudantes universitários do país. O cálculo resultou em uma amostra de 1786 indivíduos.

Tendo o número de respondentes necessários, o questionário foi encaminhado por e-mail para as universidades, solicitando que o mesmo fosse repassado aos alunos. Também, optou-se por divulgar o link da pesquisa também via grupos do Facebook das universidades selecionadas. A pesquisadora solicitou a entrada, apresentando o motivo pelo qual estava interessada no grupo e fez a divulgação. Durante a coleta, os e-mails eram reenviados duas vezes na semana e as postagens no Facebook realizadas a cada três dias. Ao final, chegou-se a um número de 2175 questionários respondidos. No entanto, após o processo de tabulação, fez-se necessária a exclusão de 334 observações em virtude de apresentarem respostas negativas à pergunta filtro e por apresentarem erros de preenchimento, restando 1841, 55 a mais que o necessário.

Para o primeiro objetivo, executou-se uma estatística descritiva do construto *phubbing*. Além disso, foram construídos intervalos para a mensuração do nível de comportamento de *phubbing*, com base nos intervalos propostos por Young (1998). Estabeleceu-se que indivíduos com pontuação mínima de 9 pontos não praticariam *phubbing*; já os intervalos de 10 a 21 pontos foram considerados como “*phubbing* de grau leve”; os de pontuação 22 a 33 seriam de “grau moderado”; e, de 34 a 45 um “grau intenso” de *phubbing*.

Já no segundo objetivo, utilizou-se a regressão linear múltipla para estimar qual(is) das variáveis independentes influencia mais a dependente (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). Nas variáveis sexo e estado civil, optou-se pela utilização de variáveis dummy, nas quais 0 representa masculino e 1 feminino no que se refere ao sexo; e, 0 representa pessoas que não têm parceiros (solteiros, divorciados e viúvos) e 1 para as que possuem companheiros (namorando, casados e união estável). Na variável idade utilizou-se o valor numérico. Construiu-se então a seguinte equação (1) de regressão:

$$Ph = \beta_0 + \beta_1 S + \beta_2 I + \beta_3 EC + e \quad (1)$$

Onde: Ph = Média do *Phubbing*, S = Sexo (0 masculino; 1 feminino), I = Idade (número), EC = Estado Civil (0 pessoas que não têm parceiros; 1 para as que possuem), e = Termo de erro

Para o terceiro objetivo também utilizou-se a regressão linear múltipla visando identificar qual dos traços de personalidade mais influencia o *phubbing*. Nesse caso, considera-se que os cinco traços de personalidade representam as variáveis independentes e o *phubbing* é a variável dependente. Assim, a equação 2 foi estimada:

$$Ph = \beta_0 + \beta_1 N1 + \beta_2 E2 + \beta_3 A3 + \beta_4 C4 + \beta_5 O5 \quad (2)$$

Onde: Ph = Média do *Phubbing*, N1 = Média do Neuroticismo, E2 = Média da Extroversão, A3 = Média da Amabilidade, C4 = Média da Conscienciosidade e O5 = Média da Abertura às novas experiências

A análise dos dados da pesquisa aconteceu seguindo as recomendações de Creswell (2010). Em um primeiro momento, realizou-se a caracterização da amostra com base nos dados demográficos obtidos na seção de perfil do questionário, assim como uma estatística descritiva das variáveis, mensurando médias, desvios-padrão e as variações de pontuação com o auxílio do software estatístico *SPSS version 22*.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme mencionado na seção de método de estudo, o público-alvo deste artigo eram estudantes universitários. Assim, a amostra foi constituída de 1786 estudantes de universidades públicas de todo o país. Desses respondentes, identificou-se que a média de idade geral foi de 23,5 anos, com idades entre 17 e 64 anos. A maior frequência de respondentes possuía 21 anos. Quanto ao sexo 57,45% eram mulheres com média de idade de 23,6 anos com moda de 21 anos. Já os homens, representam 42,55% da amostra, com média de idade de 23,4 anos com moda, também, de 21 anos.

Visando descobrir sobre os hábitos de uso do smartphone pelos universitários, foram realizadas questões relativas a quanto tempo possuem o aparelho, qual a sua finalidade de uso e quais os aplicativos mais utilizados. O tempo médio que os respondentes declararam possuir smartphone foi de 5,5 anos, sendo que o mínimo registrado foi de 1 ano e o máximo de 9 anos. Quando perguntados sobre qual a finalidade do uso do aparelho, os respondentes declararam que o utilizam para acessar as redes sociais, assistir a vídeos, ouvir músicas, verificar e responder e-mails, efetuar e receber ligações e para troca de mensagens. Quanto aos aplicativos o mensageiro Whatsapp seguido do Youtube, Instagram e Facebook são os mais utilizados.

##### 4.1 Construto *phubbing*: estatística descritiva e níveis

Ao analisar descritivamente o construto *phubbing*, destaca-se que as afirmativas “Meu smartphone está sempre ao meu alcance” (4,10) e “Quando eu acordo, a primeira coisa que faço



é verificar meu smartphone” (4,15) obtiveram as maiores médias de pontuação. Isso mostra que o aparelho acompanha os usuários a todos os lugares e em todas as situações (CHUN, 2018), bem como o seu tempo de uso é estendido (TUREL; SERENKO; GILES, 2011) e problemas como a FoMO – medo de ficar sem notícias - (PRZYBYLSKI *et al.*, 2013) são potencializados, visto que a maioria checa as atualizações do celular assim que acorda.

Ainda, salienta-se a afirmativa “As pessoas reclamam sobre meu comportamento de uso do smartphone” que obteve a menor média (1,93) entre as questões do instrumento de *phubbing*. Segundo Marino (2018), as pessoas não conseguem perceber e tampouco consideram que seu hábito de uso do smartphone é um problema. Logo, por mais que os demais reclamem do comportamento, o usuário não leva a sério. De maneira geral, as afirmativas relacionadas ao comportamento de *phubbing* foram descritas como ocorrendo “às vezes”, tanto que a categoria que mais se repetiu conforme a moda foi a 3 (às vezes). Em média, os respondentes se situam em 2,96, o que é próximo à categoria da moda. Eles também se desviam 0,71 unidades da escala e, também, qualificaram seus comportamentos nos pontos extremos “nunca” (1) e “sempre”(5).

Assim sendo, buscou-se identificar o nível de *phubbing* nos universitários brasileiros. Para tal, estabeleceu-se quatro níveis diferentes do comportamento, de acordo com a frequência da resposta dos indivíduos. O primeiro nível é classificado como “não praticante”, no qual o respondente deve ter marcado até 9 pontos; o segundo nível é o “*Phubbing* de grau leve” com pontuação de 10 a 21 pontos; o terceiro é o “*Phubbing* de grau moderado” indo de 22 a 33 pontos; e, o último nível é o “*Phubbing* de grau intenso” com pontos entre 34 e 45. A distribuição dos níveis e a frequência pode ser vista no quadro 1:

Quadro 1 – Graus do *Phubbing*

| NÍVEIS DE PHUBBING | PONTUAÇÃO      | FREQUÊNCIA |
|--------------------|----------------|------------|
| Não Pratica        | 9 pontos       | 0,18%      |
| Grau Leve          | 10 a 21 pontos | 20,66%     |
| Grau Moderado      | 22 a 33 pontos | 64,27%     |
| Grau Intenso       | 34 a 45 pontos | 14,89%     |

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

A partir do quadro, observa-se que a maioria dos universitários se encaixa no “grau moderado” de *phubbing*, com 64,27%. Dos 35,73% restantes, 0,18% destacaram-se por não praticarem o *phubbing*. Estes, são dois homens e uma mulher, com idades de 25, 23 e 34 anos respectivamente; um dos homens e a mulher residem com seus companheiros, enquanto o outro homem mora com amigos. Possuem smartphone há 5 anos em média, o utilizam para efetuar e receber ligações, assistir a vídeos e trocar mensagens de texto com amigos e familiares.

Já sobre os 14,89% que apresentaram “grau intenso” do comportamento de *phubbing*, observa-se que 172 deles eram mulheres, o que se opõe ao estudo de Bianchi e Phillips (2005) que aponta os homens como potenciais usuários problemáticos de smartphone. Ademais, ressalta-se que da totalidade de usuários com “grau intenso”, 3 deles marcaram “sempre” nas nove afirmativas do construto. Esses universitários são duas mulheres e um homem, com idades de 21, 32 e 25 anos respectivamente; as duas mulheres moram com os pais e o homem mora com amigos, além disso todos não possuem companheiro e nem filhos.

As duas mulheres são da região Nordeste do país e o homem é da região Sul, possuem smartphone há 6 anos em média e marcaram todas as opções disponíveis no campo destinado às atividades para as quais utilizam o smartphone. Os aplicativos indicados por esses usuários como os mais usados foram os de rede sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e Whatsapp). Esses, são apontados como potencializadores do comportamento de *phubbing* (KUSS; GRIFFITHS, 2017), visto que antes era possível acessá-los somente via navegador web e hoje estão disponíveis em formato de aplicativo (KARADAG *et al.*, 2015).

De modo geral, o nível de *phubbing* da amostra como um todo foi classificado como moderado, pois em média a pontuação total foi de 26,6 pontos. A subseção seguinte apresenta quais variáveis demográficas influenciam o comportamento do *phubbing*.

#### 4.2 Variáveis sexo, idade, estado civil e o comportamento de *phubbing*

Buscando verificar se os resultados dessa pesquisa estão de acordo com a literatura, analisou-se a influência do sexo, idade e estado civil no comportamento de *phubbing* dos universitários brasileiros. Para tal, um modelo de regressão linear múltipla foi estimado, assumindo a variável *phubbing* como dependente e sexo, idade e estado civil como independentes e um nível de significância de 5%.

Pelos parâmetros estimados, evidencia-se a existência de influência da variável sexo (p-valor 0,004) no comportamento de *phubbing* com um nível de significância de 1%. Como a variável sexo foi considerada como dummy, ao analisar o coeficiente angular desse fator, pode-se perceber que quando o indivíduo é do sexo feminino (1), há um aumento de aproximadamente 0,1 na escala tipo Likert da frequência de *phubbing*. Quando o indivíduo é do sexo masculino (0), o comportamento não se altera, mantendo-se em 2,969, com os demais fatores constantes.

De modo menos intenso, mas também significativo a um nível de 10%, a variável “estado civil” (p-valor 0,053) influencia negativamente o comportamento de *phubbing*. Nesse caso, universitários que possuem um companheiro (variável dummy 1) teriam seu nível de comportamento reduzido em 0,097 pontos na escala de frequência do *phubbing* em relação àqueles que não possuem parceiros (0). A variável idade não se mostrou significativa no modelo. Ainda, cabe destacar que o coeficiente de determinação do modelo indica que somente 0,9% da variação do *phubbing* é explicada pelas variáveis investigadas.

#### 4.3 Influência da personalidade no comportamento de *phubbing*

No que tange à identificação da influência dos cinco traços no comportamento de *phubbing* nos universitários brasileiros foi utilizada a regressão linear múltipla. Como forma de estimar os parâmetros, estabeleceu-se que o comportamento de *phubbing* é a variável dependente e cada um dos cinco traços as variáveis independentes, com um nível de significância de 5%. O resultado da estimação do modelo e de seus coeficientes evidencia que o modelo é adequado para a identificação da influência dos cinco traços no comportamento do *phubbing*. Seu valor F correspondeu a 28,204 e foi estatisticamente significativa a 1%. O valor do coeficiente de determinação indicou que 7,3% das variações nos níveis de *phubbing* são explicadas pelos traços de personalidade. O quadro 2 mostra os valores dos parâmetros estimados para cada traço.

Quadro 2 – Parâmetros da regressão da influência dos cinco traços de personalidade no comportamento do *phubbing*

| MODELO                     | Coeficientes $\beta$ | T             | Valor P      |
|----------------------------|----------------------|---------------|--------------|
| Constante                  | 3,018                | 19,100        | 0,000        |
| <b>Neuroticismo**</b>      | <b>0,147</b>         | <b>7,749</b>  | <b>0,000</b> |
| Extroversão                | 0,027                | 1,300         | 0,194        |
| <b>Amabilidade**</b>       | <b>0,069</b>         | <b>2,592</b>  | <b>0,010</b> |
| <b>Conscienciosidade**</b> | <b>-0,169</b>        | <b>-6,551</b> | <b>0,000</b> |
| <b>Abertura**</b>          | <b>-0,080</b>        | <b>-3,057</b> | <b>0,002</b> |

Nota: \*\* (p<0,01)

Fonte: elaborado pela autora com resultados da pesquisa

Evidencia-se através dos valores apresentados no quadro 3 que quatro traços foram estatisticamente significantes a 1%. Os traços do neuroticismo e amabilidade apresentaram relações positivas com o comportamento de *phubbing*. Para cada aumento na escala de concordância do traço de neuroticismo, o comportamento de *phubbing* na escala tipo likert varia 0,147. O mesmo se aplica para o traço da amabilidade. Cada elevação no grau de concordância aumenta o nível de comportamento em 0,069.

Por outro lado, os dois traços seguintes, mostram uma relação inversa, o traço da conscienciosidade mostra que quanto mais elevado for o nível identificado do traço no indivíduo, sua influência no comportamento de *phubbing* diminui 0,169. Isto é, indivíduos que apresentarem mais características que remetam ao traço, serão menos propensos à prática. O mesmo se aplica ao traço da abertura a novas experiências. Como os traços de personalidade não são mutuamente excludentes é importante salientar que o comportamento de *phubbing* deve ser medido considerando os níveis obtidos nos quatro traços significativos ao modelo.

Desse modo, tratando especificamente sobre cada traço, pode-se dizer que o traço do neuroticismo ter sido positivamente relacionado, corrobora com o que dizem os autores. Quem apresenta níveis altos desse traço é propenso a vivenciar sofrimento emocional, ideias irrealistas, ansiedade e são menos tolerantes a frustrações (HUTZ; NUNES, 2001). Kuss *et al.* (2014) e Andreassen *et al.* (2013) apontam que altos níveis de neuroticismo são positivamente relacionados com dependência tecnológica. Isso porque a instabilidade emocional é associada com uma maior incidência de uso problemático de smartphone (BIANCHI; PHILLIPS, 2005).

Além disso, pessoas com pontuação elevada nesse traço são mais ansiosas. As notificações enviadas pelos aplicativos instalados nos smartphones podem potencializar esse sentimento nos indivíduos, desencadeando o hábito de verificação constante desses aparelhos (OULASVIRTA *et al.*, 2012) e, conseqüentemente, o comportamento do *phubbing*. Assim, uma pessoa neuroticista por ser preocupada e nervosa, precisa ficar sabendo do que está acontecendo a todo instante, não conseguindo se manter longe do aparelho.

No que se refere à amabilidade, a literatura indica que os indivíduos seriam menos suscetíveis a maus comportamentos envolvendo as tecnologias (KAYIS *et al.*, 2016; DUKE, MONTAG, 2017). Outros autores ainda apontam que pessoas amáveis não utilizarão seus dispositivos como substitutos de relações sociais (LOWODUNOYE; OLUSA; ADELINA, 2017). Similarmente, a amabilidade é apontada por ser um fator protetor às dependências, logo quanto mais presente está em um indivíduo, menos chances este teria de desenvolver esse tipo de problema (KAYIS *et al.*, 2016). Neste sentido, os resultados encontrados contrariam o que é pontuado por esses autores, visto que o parâmetro da amabilidade foi positivamente relacionado ao comportamento.

A relação positiva desse traço pode indicar que as pessoas estão deixando de ser amáveis somente pessoalmente, isto é, estão transferindo características da amabilidade para o meio online. Tal atitude é observada nas redes sociais quando, por exemplo, as pessoas publicam e enviam mensagens carinhosas de felicitações umas para as outras em datas comemorativas; através das funções de reações (“amei”, “triste”, “curtir”, “haha”) presentes em outras redes sociais; e, no fato de que a internet permite o exercício da solidariedade, pois as pessoas podem pedir ajuda umas às outras e se engajar em causas sociais sem nem mesmo se conhecer pessoalmente.

Em se tratando do traço da conscienciosidade, os resultados refletem o que diz a literatura. Uma pessoa conscienciosa é meticulosa, responsável, cuidadosa e honesta (COOPER, 2003). Além disso, são pessoas focadas, diretas e persistentes em seus objetivos. Dos cinco traços de personalidade analisados, esse é o mais cauteloso quanto ao uso das redes sociais e prefere experiências reais, por exemplo. Autores como Hussain e Pontes (2018) observaram que menos se nota a tendência a dependências online em pessoas que apresentam esse traço. Logo, o coeficiente negativo mostra que quanto mais consciencioso, menos

tendência ao comportamento do *phubbing* apresenta. Por ser um traço cujas características são de pessoas focadas, competentes e preocupadas em conseguir melhores resultados, o indivíduo dificilmente cederá à distração de checar seu smartphone, pois isso viria a desconcentrá-lo comprometendo a qualidade do trabalho ou atividade a qual ele se propôs a executar.

O último traço significativo no modelo foi a abertura a novas experiências. A literatura indica que essas pessoas tendem a ser mais aventureiras, imaginativas e curiosas. Diz-se também que tais indivíduos não apresentam sintomas de uso problemático de smartphone (HUSSAIN, GRIFFITHS E SHEFFIELD, 2017). Logo, o resultado encontrado nessa pesquisa se assemelha ao indicado pelos autores. O coeficiente negativo indica que quanto mais aberto ao novo o indivíduo for, menos propenso ao comportamento do *phubbing* ele será. Isso porque são pessoas sensíveis, curiosas, criativas e que valorizam o momento, procurando aproveitar as experiências e a companhia de quem está junto. Ao contrário do que acontece no *phubbing*. Desse modo, pode-se dizer que aquelas pessoas cujas características são opostas às mencionadas (ou seja, mais convencionais), tendem ao comportamento do *phubbing*. Acredita-se que por serem pessoas cujos interesses são limitados ao seu universo particular, estar em um momento de convivência ou lazer que fuja à rotina, as incomoda e as faz não valorizar tais experiências.

Considerando então os estudos anteriores sobre o *phubbing* que o apontam como sendo derivado do uso problemático de smartphone, da dependência da internet, FoMO e redes sociais, pode-se concluir que os traços indicados como influenciadores do *phubbing* se relacionam com seus predecessores. Conclui-se, portanto, que a personalidade do indivíduo atuaria como uma variável moderadora do comportamento do *phubbing*, relacionada de maneira indireta com o *phubbing*, mas de maneira direta com seus antecedentes.

Desse modo, entende-se que indivíduos com a presença de traços que indiquem potenciais usos problemáticos de internet ou de smartphone, tenderão à prática do *phubbing*. Cabe ainda destacar que os valores dos coeficientes de determinação que foram encontrados para ambos modelos de regressão são considerados, inicialmente, como baixos. No entanto, tendo em vista que foram investigados traços de personalidade e comportamentos sociais, não se pode haver valores extremamente altos, sendo que as pessoas mudam seus comportamentos ao longo do tempo

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa objetivou identificar a influência dos cinco traços de personalidade no comportamento do *phubbing*. Dado que, segundo a literatura, alguns traços são mais suscetíveis a problemas como a dependência tecnológica, se propôs que houvesse influência no comportamento de ignorar as pessoas para prestar atenção em seu celular.

Para tal, aplicou-se a pesquisa com universitários brasileiros usuários de smartphone. Tais usuários, de modo geral, foram caracterizados como indivíduos jovens, solteiros, que residem com seus pais e cuja participação na pesquisa foi maior na região sudeste do país. Além disso, destaca-se que de acordo com os níveis estabelecidos, 3 pessoas não apresentam o comportamento, já 64,27% indivíduos de um total de 1786 apresentam comportamento moderado de *phubbing*. Também, dados alguns estudos que apontavam diferenças no sexo, idade e estado civil no comportamento de *phubbing*, buscou-se verificar se para o público-alvo dessa pesquisa havia influência de alguma dessas variáveis. Assim, por meio da regressão múltipla, identificou-se que o sexo tem influência positiva a um nível de significância de 1% e o estado civil influência negativamente a 10%. Isso mostrou que as mulheres são mais propensas ao comportamento e que pessoas em um relacionamento se comportam menos dessa forma.

Neste sentido, buscou-se como último objetivo específico identificar qual dos traços de personalidade influenciava o comportamento do *phubbing*. Por meio da regressão múltipla,

os parâmetros foram estimados e identificou-se que os traços do neuroticismo e amabilidade influenciam positivamente o comportamento. Já o traço da conscienciosidade e abertura a novas experiências o influenciam negativamente, corroborando o que diz a literatura. Além disso, o coeficiente de determinação mostrou que o modelo proposto explica 7,3% do comportamento de *phubbing*.

Considerando os resultados obtidos e o que diz a literatura sobre os traços de personalidade e sobre o *phubbing*, chegou-se à conclusão de que os traços apontados pela pesquisa como influenciadores do comportamento se relacionam com os antecessores do *phubbing*. Acredita-se que, nesse caso, os traços de personalidade individuais poderiam ser considerados como variáveis moderadoras do comportamento do *phubbing*, pois há na literatura indícios de que os traços se mostram suscetíveis à dependências tecnológicas e uso problemático de internet e smartphone.

Nesse contexto, destaca-se a contribuição prática desse estudo, que ajuda a entender que alguns maus comportamentos envolvendo a tecnologia e seus derivados podem ter fundo psicológico. Dessa forma, conhecendo os traços dominantes da personalidade dos indivíduos, consegue-se identificar se o mesmo possui uma pré-disposição a desenvolver esse tipo de problema, indicando auxílio de um profissional capacitado para auxiliar na prevenção das dependências tecnológicas. Academicamente, o estudo traz achados que colaboram com a literatura nacional sobre *phubbing*. Dado que as pesquisas são em sua maioria internacionais, é relevante saber que a realidade brasileira se mostra diferente ao que vem sendo mostrado em termos de resultados. Antes de concluir, ressaltam-se algumas limitações dessa pesquisa. A primeira delas é que pretendia-se fazer um estudo com amostragem estratificada, porém, o volume de respostas de algumas regiões fez com que a pesquisadora tivesse que optar pela amostragem simples. Outra limitação foi o período da coleta de dados, que se deu durante o final do semestre, momento no qual tanto os estudantes quanto os funcionários das universidades responsáveis por divulgar os e-mails estão de férias.

Por fim, algumas sugestões de estudos futuros são destacadas. Dados os resultados, seria interessante proceder a uma análise qualitativa do comportamento de *phubbing* mediante um grupo focal ou entrevistas em profundidade com a presença de um profissional da área de psicologia, para aprofundar os resultados. Também, destaca-se que poderia ser feita a validação transcultural do instrumento do *phubbing*, adequando-o à realidade brasileira e, quem sabe, incluindo as personalidades como variáveis moderadoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAGAARD, Jesper. Digital akrasia: a qualitative study of phubbing. **AI & SOCIETY**, p. 1-8, 2019.
- ABOUJAOUDE, Elias. The Internet's effect on personality traits: An important casualty of the "Internet addiction" paradigm. **Journal of behavioral addictions**, v. 6, n. 1, p. 1-4, 2016.
- AGRESTI, Alan; FINLAY, Barbara. **Métodos estatísticos para as ciências sociais**. Penso Editora, 2012.
- ALLPORT, Floyd H.; ALLPORT, Gordon W. Personality Traits: Their Classification and Measurement. **The Journal of Abnormal Psychology and Social Psychology**, v. 16, n. 1, p. 6, 1921.
- AMBAD, Sylvia Nabila Azwa; KALIMIN, Khairiah Mazdiah; YUSOF, Ku Mohd Amir Aizat Ku. The Effect Of Internet Addiction On Students' emotional And Academic Performance. **e-Academia Journal**, v. 6, n. 1, 2017.
- ANDRADE, Josemberg Moura de. **Evidências de validade do inventário dos cinco grandes fatores de personalidade para o Brasil**. 2008. Tese de doutorado.

ANDREASSEN, Cecilie Schou et al. The relationships between behavioral addictions and the five-factor model of personality. **Journal of behavioral addictions**, v. 2, n. 2, p. 90-99, 2013.

ANGELUCI, Alan César Belo. “Stop Phubbing Me!”: A Case Study on Mobile Media. *Handbook of Research on Comparative Approaches to the Digital Age Revolution in Europe and the Americas*, p. 192, 2015.

ANGELUCI, Alan César Belo; HUANG, Gejun. Rethinking media displacement: the tensions between mobile media and face-to-face interaction/Repensando o deslocamento da mídia: as tensões entre as mídias móveis e a interação face-a-face. **Revista FAMECOS**, v. 22, n. 4, p. 173, 2015.

ANSHARI, Muhammad et al. Smartphone habit and behavior in Brunei: Personalization, gender, and generation gap. **Computers in Human Behavior**, v. 64, p. 719-727, 2016.

AREFIN, Md et al. Impact of Smartphone Addiction on Academic Performance of Business Students: A Case Study. Md. and Mustafi, Mohitul and Afrin, Sharmina and Islam, Nazrul, Impact of Smartphone Addiction on Academic Performance of Business Students: A Case Study (August 21, 2017), 2017.

BEATON, D. E. et al. Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. **Spine**, v. 5, n. 24, p. 3186-3191, 2000.

BENET-MARTINEZ, Veronica; JOHN, Oliver P. Los Cinco Grandes across cultures and ethnic groups: Multitrait-multimethod analyses of the Big Five in Spanish and English. **Journal of personality and social psychology**, v. 75, n. 3, p. 729, 1998.

BIANCHI, Adriana; PHILLIPS, James G. Psychological predictors of problem mobile phone use. **CyberPsychology & Behavior**, v. 8, n. 1, p. 39-51, 2005.

BILLIEUX, Joël. Problematic use of the mobile phone: a literature review and a pathways model. **Current Psychiatry Reviews**, v. 8, n. 4, p. 299-307, 2012.

BORGES, Luana de Andrade Pinheiro; PIGNATARO, Thelma. NOMOFOBIA: uma síndrome no séc. XXI In: **REVISTA INTERFACE** - Natal/RN – v.13 nº 1 | Janeiro a julho 2016.

BUCKNER, J., CASTILLE, C., SHEETS, T. The five factor model of personality and employees’ excessive use of technology. **Computers in Human Behavior**, 28, 1947- 1953, 2012

BUTTS, S., & PHILLIPS, J. G. Personality and self-reported mobile phone use. **Child Adolesc Psychiatr Clin N Am** 2016;25(3):509–20

CAPPELLOZZA, Alexandre; DE MORAES, Gustavo Hermínio Salati Marcondes; MUNIZ, Leonardo Mairene. Uso Pessoal das Tecnologias no Trabalho: Motivadores e Efeitos à Distração Profissional. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 5, p. 605-626, 2017.

CARDOSO, A.; AMOROSINO, I.; NARDI, A. E. Epidemiologia e Aspectos Econômicos. In: KING, A. L. S.; NARDI, A. E.; CARDOSO, A. (Ed.). **Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? Dependência do celular?** 1. ed. São Paulo: Atheneu, 2014. p. 67-73.

CAVALCANTE, J.P.S. **Modelo Explicativo da intenção de compra a partir dos Big Five, da orientação para a comparação social on-line e da inveja**. Fortaleza, 2016. Dissertação de Mestrado.

CHOTPITAYASUNONDH, Varoth; DOUGLAS, Karen M. How “phubbing” becomes the norm: The antecedents and consequences of snubbing via smartphone. **Computers in Human Behavior**, v. 63, p. 9-18, 2016

CHOTPITAYASUNONDH, Varoth; DOUGLAS, Karen M. The effects of “phubbing” on social interaction. **Journal of Applied Social Psychology**, 2018.

CHUN, JongSerl. Conceptualizing effective interventions for smartphone addiction among Korean female adolescents. **Children and Youth Services Review**, v. 84, p. 35-39, 2018.

CÍZMECÍ, Esra. Both sides of the coin: smartphones in romantic relationships of youth. **Electronic Journal of Social Sciences**, v. 16, n. 63, 2017.

COOPER, Dominic. Psychology, risk and safety. **Professional Safety**, v. 48, n. 11, p. 39-46, 2003.

CRESWELL, John. W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**, v. 2, 2010.

D'ÁGUA, Joana; PATRÃO, Ivone Alexandra Martins; LEAL, Isabel Pereira. Relação dos traços de personalidade com a dependência ao smartphone. In: **Actas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde**. ISPA–Instituto Universitário, 2018. p. 429-437.

DANTAS, Edmundo Brandão; VIDAL, Priscila Valim Carneiro. Dependência mobile: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais. **Signos do Consumo**, v. 8, n. 2, p. 67-84, 2016.

DAVEY, Sanjeev et al. Predictors and consequences of “Phubbing” among adolescents and youth in India: An impact evaluation study. **Journal of Family and Community Medicine**, v. 25, n. 1, p. 35, 2018.

DELEVI, Raquel; WEISSKIRCH, Robert S. Personality factors as predictors of sexting. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 6, p. 2589-2594, 2013.

DUKE, Éilish; MONTAG, Christian. Smartphone addiction, daily interruptions and self-reported productivity. **Addictive Behaviors Reports**, v. 6, p. 90-95, 2017.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia científica: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FULLWOOD, Chris et al. My virtual friend: A qualitative analysis of the attitudes and experiences of Smartphone users: Implications for Smartphone attachment. **Computers in Human Behavior**, v. 75, p. 347-355, 2017.

GENNER, Sarah. **ON/OFF: Risks and Rewards of the Anytime-Anywhere Internet**. Zurich, 2017.

GOSLING, Samuel D.; RENTFROW, Peter J.; SWANN JR, William B. A very brief measure of the Big-Five personality domains. **Journal of Research in personality**, v. 37, n. 6, p. 504-528, 2003.

GRIFFITHS, Mark D. Et al. Instagram addiction and the Big Five of personality: The mediating role of self-liking. **Journal of behavioral addictions**, v. 7, n. 1, p. 158-170, 2018.

GUADAGNO, Rosanna E.; OKDIE, Bradley M.; ENO, Cassie A. Who blogs? Personality predictors of blogging. **Computers in Human Behavior**, v. 24, n. 5, p. 1993-2004, 2008.

GUAZZINI, Andrea et al. An Explorative Model to Assess Individuals’ Phubbing Risk. **Future Internet**, v. 11, n. 1, p. 21, 2019

HAIGH. **STOP PHUBBING**. Disponível em: [www.stopphubbing.com](http://www.stopphubbing.com) (2015)

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da personalidade**. Artmed Editora, 2000.

HUSSAIN, Zaheer; PONTES, Halley M. Personality, internet addiction, and other technological addictions: a psychological examination of personality traits and technological addictions. In: **Psychological, social, and cultural aspects of Internet addiction**. IGI Global, 2018. p. 45-71.

HUSSAIN, Zaheer; GRIFFITHS, Mark D.; SHEFFIELD, David. An investigation into problematic smartphone use: The role of narcissism, anxiety, and personality factors. **Journal of behavioral addictions**, v. 6, n. 3, p. 378-386, 2017.

HUTZ, Claudio Simon et al. O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 11, n. 2, 1998.

- JOHN, Oliver P.; DONAHUE, Eileen M.; KENTLE, Robert L. **The big five inventory—versions 4a and 54**. 1991.
- JOHN, Oliver P.; PERVIN, Lawrence A. **Personalidade teoria e pesquisa**. 2004.
- KARADAĞ, Engin et al. Determinants of phubbing, which is the sum of many virtual addictions: A structural equation model. **Journal of behavioral addictions**, v. 4, n. 2, p. 60-74, 2015.
- KAYIŞ, Ahmet Rifat et al. Big five-personality trait and internet addiction: A meta-analytic review. **Computers in Human Behavior**, v. 63, p. 35-40, 2016.
- KIRCABURUN, Kagan; GRIFFITHS, Mark D. Instagram addiction and the Big Five of personality: The mediating role of self-liking. **Journal of behavioral addictions**, v. 7, n. 1, p. 158-170, 2018.
- KNOLL, K.R.H; CORSO, K.B; JUNIOR, P.V.C, “Eu, você e o Smartphone, até que o Phubbing nos separe”: um estudo sobre as implicações do uso (excessivo) do smartphone entre casais. **Anais... SEMEAD**. São Paulo, 2017.
- KUSS, D. et al. Internet addiction: a systematic review of epidemiological research for the last decade. **Current pharmaceutical design**, v. 20, n. 25, p. 4026-4052, 2014.
- KUSS, Daria J.; GRIFFITHS, Mark D. Social networking sites and addiction: Ten lessons learned. **International journal of environmental research and public health**, v. 14, n. 3, p. 311, 2017.
- LANAJ, Klodiana; JOHNSON, Russell E.; BARNES, Christopher M. Beginning the workday yet already depleted? Consequences of late-night smartphone use and sleep. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 124, n. 1, p. 11-23, 2014.
- LOPES, Ana Rita de Sousa. **It's about time, it's not you it's me: my time is not your time": Escala de percepção de tempo de utilização online**. 2018. Tese de Doutorado
- LOVE, Steve; KEWLEY, Joanne. Does personality affect peoples' attitude towards mobile phone use in public places?. In: **Mobile Communications**. Springer, London, 2005. p. 273-284.
- MARINO, Claudia et al. A comprehensive meta-analysis on Problematic Facebook Use. **Computers in Human Behavior**, v. 83, p. 262-277, 2018.
- MARTINS, G.A. **Estatística Geral e Aplicada**. 4 Ed. São Paulo: Atlas, 2011
- NAZRI, Syahida Mohd; LATIFF, Zulkifli Abd. Social evolution in human relations behavior of utilizing Facebook. **ISICO 2013**, v. 2013, 2013.
- OLWODUNOYE, Stella A.; OLUSA, Abayomi O.; ADESINA, Temitope R. Internet addiction among adolescents: the influence of gender and personality. **African journal for the psychological studies of social issues**, v. 20, n. 2, p. 1-15, 2017.
- OULASVIRTA, Antti et al. Habits make smartphone use more pervasive. **Personal and Ubiquitous Computing**, v. 16, n. 1, p. 105-114, 2012.
- PEREDO, Juan Ramos. ¿ Autismo Tecnológico En Los Estudiantes Universitarios? Caso Provincia De Santa Elena, Ecuador. **Revista Ciencias Pedagógicas e Innovación**, v. 5, n. 1, 2017.
- PRZYBYLSKI, Andrew K. et al. Motivational, emotional, and behavioral correlates of fear of missing out. **Computers in Human Behavior**, v. 29, n. 4, p. 1841-1848, 2013.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- ROBERTS, James A.; PULLIG, Chris; MANOLIS, Chris. I need my smartphone: A hierarchical model of personality and cell-phone addiction. **Personality and Individual Differences**, v. 79, p. 13-19, 2015.
- ROBERTS, James A.; DAVID, Meredith E. My life has become a major distraction from my cell phone: Partner phubbing and relationship satisfaction among romantic partners. **Computers in Human Behavior**, v. 54, p. 134-141, 2015.



ROBERTS, James A.; DAVID, Meredith E. Put down your phone and listen to me: How boss phubbing undermines the psychological conditions necessary for employee engagement. **Computers in Human Behavior**, v. 75, p. 206-217, 2017.

ROTONDI, Valentina; STANCA, Luca; TOMASUOLO, Miriam. Connecting alone: Smartphone use, quality of social interactions and well-being. **Journal of Economic Psychology**, v. 63, p. 17-26, 2017

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. d. PB **Metodologia de Pesquisas**. 2013. Penso Editora. São Pualo, 2013.

SILVA, Izabella Brito; NAKANO, Tatiana. Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. **Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment**, v. 10, n. 1, p. 51-62, 2011.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2–A **pesquisa científica. Métodos de pesquisa**, p. 31-42, 2009.

SWINGLE, Mari. i-Minds: How cell phones, computers, gaming, and social media are changing our brains, our behavior, and the evolution of our species. **New Society Publishers**, 2016.

TAŞ, İbrahim; AYAS, Tuncay. Relationship the level of internet addiction with personality traits of high school students. **Journal of Human Sciences**, v. 12, n. 2, p. 150-162, 2015.

THOMÉE, Sara; HÄRENSTAM, Annika; HAGBERG, Mats. Mobile phone use and stress, sleep disturbances, and symptoms of depression among young adults-a prospective cohort study. **BMC public health**, v. 11, n. 1, p. 66, 2011.

TIME. **Your wireless life: results of TIME’s Mobility Poll**. Disponível em: <http://content.time.com/time/interactive/0,31813,2122187,00.html>

TUREL, Ofir; SERENKO, Alexander; GILES, Paul. Integrating technology addiction and use: An empirical investigation of online auction users. **Mis Quarterly**, v. 35, n. 4, p. 1043-1062, 2011.

WANG, Jin-Liang et al. The role of stress and motivation in problematic smartphone use among college students. **Computers in Human Behavior**, v. 53, p. 181-188, 2015.

WANG, Xingchao et al. Partner phubbing and depression among married Chinese adults: The roles of relationship satisfaction and relationship length. **Personality and Individual Differences**, v. 110, p. 12-17, 2017.

XU, Junlan. Research on the Relationship among Phone Addiction, Social Anxiety and Loneliness in High School Students. **Social Sciences**, v. 5, p. 18-24, 2017

YOUNG, Kimberly S. Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder. **Cyberpsychology & behavior**, v. 1, n. 3, p. 237-244, 1998.

ZHITOMIRSKY-GEFFET, Maayan; BLAU, Maya. Cross-generational analysis of information seeking behavior of smartphone users. **Aslib Journal of Information Management**, v. 69, n. 6, p. 721-739, 2016.

ZHOU, Yueyue et al. Big five personality and adolescent Internet addiction: The mediating role of coping style. **Addictive behaviors**, v. 64, p. 42-48, 2017.